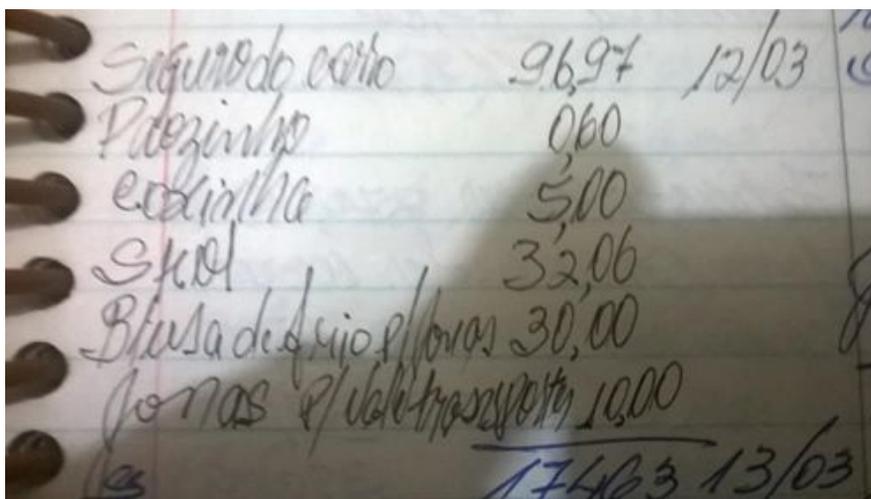


## CRÔNICAS

Jonas Tavares de Souza

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2017.127697

**N**o ano que te deixei partir, depois de tantos, percebo que já não me lembro de tua voz. Do que me disse, quase tudo. Não choveu no dia de hoje, mas não me esqueci de acender uma vela para os teus. Para os meus, por enquanto, risco pedra, buscando acender palavra. E falando nelas, encontrei o teu caderno de anotações. Aquele das despesas dos tempos das vacas-magras (estas que ainda não engordaram; eu que às vezes sim e às vezes não). Nunca pudeste escrever mais do que listinhas de gastos, mas como era bonita tua letra. Ainda é.



Olha, de 1996 para cá... Tantos giros! Ainda não gasto com seguro de carro. Talvez nunca o faça. Se nesse dia compraste dez pães com esse valor, hoje mal conseguiria um. Essa empresa fornecedora de cerveja tem outro nome e as outras, continuam com o mesmo nome. Coxinhas não são mais feitas por aquela quituteira de “tão boa mão” e hoje representam - também - um posicionamento político muito esquisito. Já não gasto tanto com vale-transporte, mas, quando o faço, chego a abraços apertados de amigos, que não me deixam esquecer suas vozes. E nem minha voz.

Doze de março foi meu aniversário. Treze anos. Talvez eu quisesse um videogame. Ainda assim, agradeço a lembrança, o esforço, a memória e – hoje - a possibilidade de te ver em outras presenças.

Obrigado pela blusa. Obrigado pelo frio.

**M**uitos não sabem, mas além de Jonas (como diz um amigo, é nome no plural), “Jô”, “Jojô”, “Joninhas”, “grande”, “moço”, “tio”, “professor”, “prô”, sou “Barbinha”. Desde muito antes de despontar os primeiros pontos pretos, que só davam coceira. A lógica é fácil: “filho do Barba, “Barbinha é”. Não lembro se odiei o apelido para pegar. Talvez não. Alimentava um orgulho pequeno de linhagem.

Eu já ensaiava um tipo preferido de aparelho de barbear quando minha casa foi invadida por um estranho saído do banheiro. Não devo ter sido muito receptivo àquela vaidade do pai. Poxa, não estava no contrato de filiação que, a qualquer

momento, a imagem da figura a quem se deva respeito poderia ser tão bruscamente alterada. Soltei um riso frouxo. Mais frouxo do que o homem envelhecido, vermelho, de riso pelado e cortes nas bochechas. Que não tenha a pretensão de me dar ordens! Céus, o que será do Barbinha, que nem barba possui, filho de um Barba sem barba?! Quando nesse drama existencial fui interpelado: “Gostou? Amanhã vou fazer uma entrevista.” Em silêncio, sacudi a cabeça em aprovação ao homem que - à custa de sobrevivência - limpava a cara de sua virilidade e vaidades há anos sustentadas. Pensei nos restos picotados de autonomia sobre a pia, indo embora com a água. Pensei na ardência banhada a álcool da vontade de oferecer à prole uma chance de prospectar o futuro no tempo. Suspirei. Amor de pai é que nem apelido.

Já é adolescente essa que carrego. Às vezes diz mais que a própria boca que enfeita. Pelos daninhos, ora expressando o descuido e a tristeza, ora a sensualidade e o pertencimento. É falhada como a memória do tempo em que ela ainda não existia. Mas é insistente. Há quem goste e há quem eu não saiba que desgoste. Não tiro de jeito maneira. É minha alcunha herdada. Meu resto pequeno de saudade que será sempre imberbe.

**N**o ônibus, um senhor questiona a moça ao seu lado:  
 - Quem roubou mais Fernandinho Beira-Mar ou Eduardo Cunha? Eduardo Cunha. Ele é um assassino. Você sabe quantos ele matou só no ano passado? 30 mil. 30 MIL! Foram as pessoas que não tiveram

atendimento em hospitais, sem remédios, sem médicos e etc.

Eu que, ultimamente, tenho andado mais de Facebook do que de ônibus quis apertar três corações pra ele. Isso, moço! É de morte e de sangue que se trata. Isso!

E continuou:

- Eu não voto no atual prefeito, pois depois de quatro anos sem dar as caras, chamou minha vizinha para tirar foto do asfalto novo. Ela que nem carro tem. É fazer a gente de bobo demais. Não voto!

Olhei para ele, consenti com a cabeça (acho que ainda é assim que se curte lá fora), o ônibus parou, desci no meu ponto e olhei sua partida. Lá se foi o senhor ainda gesticulando. À esquerda. Do banco. Talvez mais por causa do vento da janela.

**H**oje vi uma mulher chorando. O pouco que sei de sua história tinha me feito construir dela uma figura inabalável. Negra e pobre, contava os ganhos miúdos na esperança e na vontade de voltar a estudar após o encaminhamento de sua caçula, que acabara de entrar no colégio militar. A mais velha terminava a faculdade com planos de se debandar país afora. Há dez dias, soubemos que enterrou um irmão assassinado após uma briga de bar. Sendo ela a pessoa prática da família, ficou responsável pelo desgaste dos procedimentos funerários. Do espólio, só as roupas, coletadas em um quarto de pensão. No seu retorno ao trabalho, fui saber como estava e me surpreendi com tamanha força, quando me contou ter sido o quinto irmão que enterrara. Há

realidades que estão em plena guerra e choros não podem dar espaço para o desarme.

O choro que hoje vi não foi para um mundo que caiu atrasado. Esta mesma mulher acabou de voltar do enterro de outra irmã que, numa briga dentro de casa, sofreu um golpe que perfurou seus rins e pulmões. As lágrimas também não vieram pela irmã, mas pelos doze (dos dezesseis) sobrinhos que ficaram desamparados, mas que ela prometeu trazê-los para sua casa para não separá-los. Ela não conseguia imaginar a dor que crianças poderiam sentir ao perder a mãe. Só por isso chorou.

Se relato (eu, da turma “dos delicados que preferiria morrer”) esta história, é apenas para tentar dar conta – não das dores ou dos sadismos dos desígnios – mas de uma grandiosidade e generosidade, para mim, imensuráveis. Dessas que só se encontram imbricadas nas pequenas coragens de gente que gira esse mundo com a força dos pés. E só assim que ele gira.

Submissão: 2017-03-07

Aceite: 2017-03-19